O DESEJO MIMÉTICO NO PROCESSO EDUCATIVO: A INFLUÊNCIA DAS TELAS COMO MÍMESIS

ROSA MARIA DOS SANTOS

RESUMO

A presente pesquisa se propõe a compreender a influência das telas de forma abrangente, na formação de referência, ou seja, na concepção de modelos miméticos, teoria que, segundo René Girard, é característico do desejo humano. As mídias como um todo, se demonstram o mais perfeito campo em que a sociedade atual mimetiza seus modelos consciente ou inconscientemente. Se o desejar é algo presente no fazer o humano, as crianças expostas a essa realidade virtual passam a associar esse modelo de objeto de desejo, como algo a ser conquistado. Faz-se necessário compreender o contexto atual e constitutivo do modelo mimético apresentado para as crianças através das mídias de comunicação; investigando a interferência causada por estas. Se tornando uma "escola paralela", uma vez que as crianças passam muitas vezes, mais horas em frente a uma tela, do que ativamente em práticas escolares, ainda que estas sejam apresentadas por meios virtuais. Pensando historicamente a sociedade busca-se por projetar modelos miméticos e pragmáticos. A teoria do desejo mimético, apresentada por René Girard, se constituiu uma metodologia investigativa, para analisar a interferência causada por esses meios de referências de comportamento na sociedade.

Palavras-chave: Desejo Mimético; educação; mímesis.

1 INTRODUÇÃO

Perante a perspectiva do desejo mimético e a constatação do ser influenciável, e principalmente imitável, movido pela busca da conquista do objeto de desejo, podemos pensar de forma crítica a grande influência das mídias de comunicação na totalidade, na formação do imaginário, e principalmente do modelo referencial mimético das crianças, que se encontram justamente em seu processo formativo humano, intelectual e social.

É algo muito raro nos tempos atuais, uma criança que não tenha acesso a nenhum tipo de tela, porém, algo muito comum, crianças que passam horas sentadas em frente a uma tela, de TV, celular ou tablet, tornando-se uma receptora passiva e atenta aos modelos imitáveis que ali são apresentados. Essa realidade é quase que irreversível, não cabendo discutir neste momento se isso se demonstra "saudável", adequado ou não para as crianças. Entretanto, se torna inquestionável, o caráter influenciável das mídias de comunicação na sociedade como um todo, sendo sua maior fonte de consumo de conteúdo, uma "escola paralela" e formativa, no dia a dia das crianças.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

A mímesis é um conceito que ganha força no período do renascimento, a palavra mímesis, *mimese* ou *mimési*, tem origem do grego, sendo um termo filosófico que possui diversos significados, porém, em suma, compreende a imitação, mímica, o ato de assemelhar-

DOI: 10.51189/cinped/13689

se, a *imitatio*. No renascimento resumidamente se tem o conceito de um simulacro da realidade através da arte, entretanto a origem da palavra, é muito anterior a isso. Platão surge com o termo mímesis, buscando definir a terminação através de seus diálogos, entretanto em sua concepção não é possível ter um sentido estrito desta palavra, pois é relacionado a arte de forma abrangente, conexa a um terceiro grau de conhecimento sensitivo. Logo, em Aristóteles, através da "A Arte Poética", retrata a mímesis como temática principal de sua obra, e atribui a mimese dois significados: a imitação e a emulação.

Tendo a perspectiva que na ficção podemos atingir uma descrição da realidade, por meio da linguagem poética, é possível alcançar o que Aristóteles, conjeturando a respeito da tragédia, conceitua de mímesis, sendo que a tragédia, na verdade, imita a realidade. Recriando através de um mito a verdadeira essência do fato narrado (NUNES, 1950). Se na Grécia antiga, já se tinha como objeto de análise o mimetismo humano, sendo uma das características mais notáveis entre os mesmos. Com o pós-metafisico, René Girard, a pesquisa não se dá de forma concreta, Girard nomeado como Darwin das Ciências Sociais. O antropólogo francês apresenta a teoria mimética como cientifica, uma vez, que a mesma, é capaz de explicar o conjunto dos fenômenos humanos, sendo possível verificar tal afirmação por uma regularidade universal, principalmente ao analisar diversas obras literárias de referência, sob a perspectiva da rivalidade e do desejar o objeto de outrem. Além de constatar isto através do próprio comportamento humano, em sua repetição ao longo de toda história da humanidade. A teoria de Girard se demonstra transdisciplinar, uma vez que envolve aspectos, psicológicos, antropológicos, sociológicos, políticos, literários, filosóficos, teológicos e até mesmo pedagógicos.

Podemos conceituar René Girard como um autor monotemático, pois basicamente continuamente irá fazer sua análise sob a perspectiva do desejo mimético, entretanto no desejo mimético conseguimos realizar uma visão muito abrangente. A partir de um estudo antropológico e fenomenológico, busca explicar o comportamento humano e cultural com base na teoria do desejo mimético, sendo, em que nesta, o desejo humano é basilarmente mimético, ou seja, imitativo. O humano não deseja a partir de sua própria subjetividade, mas a partir do outro do qual toma como modelo determinando o seu objeto de desejo.

> Quando dois indivíduos desejam a mesma coisa, virá juntar-se a isso um terceiro; quando há três, logo chegará um quarto, e a partir desse momento, já se pode prever, as sociedades primitivas tendem todas a se mobilizar em lutas insanas. Passam então a ser ameaçadas pela destruição total. (GIRARD, 2011, p. 69)

Deste modo, a imitação dos modelos apresentados nas mídias de comunicação como um todo, é um cenário ideal para a aplicação da teoria mimética de Girard, uma vez que a mídia é capaz de produzir o modelo a ser reproduzido culturalmente, linguisticamente e ainda como um modelo comportamental a ser cobiçado e imitado.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Diversos psicólogos e pedagogos, dissertam a respeito da quantidade de horas, idade e conteúdo a ser apresentado as crianças. Não podemos dizer que tal assunto é abordado atualmente com tanta relevância, talvez hoje, sendo uma realidade tão concreta e presente, não haja tantas discussões com protuberância no comportamento de permissividade dos pais e educadores. O Professor e Psicólogo Samuel Pfromm Netto, foi presidente da Academia Paulista de Educação, em sua atuação nos anos 90, já demonstrava uma certa preocupação com o modelo referencial das mídias para as crianças:

> Há dois modos fundamentais de argumentar contra a influência deletéria de certos programas de televisão. O primeiro apoia-se no bom senso, no raciocínio lógico e no primado universal de princípios éticos, inscritos nos grandes códigos morais da humanidade, para se opor à exposição das pessoas (notadamente das crianças e dos adolescentes) a mensagens de brutalidade, torpeza, cinismo ou obscenidade, exibidas de maneira crua ou

DOI: 10.51189/cinped/13689

disfarçadas sob os pretextos de que se trata de "realismo", "arte", "divertimento" ou "crítica social". Esta maneira de argumentar é muito antiga. Deita raízes em texto de pensadores e educadores como Platão, Aristóteles e muitos outros, que, desde os tempos pré-cristãos, alertavam as pessoas para a necessidade de impedir que os menores assistissem a espetáculos violentos e licenciosos. Muito antes, portanto, do advento do cinema e da televisão, reconhecia-se a necessidade aqui referida, de evitar os "venenos do espírito", que, da mesma forma que os venenos do corpo, podem comprometer o desenvolvimento sadio do ser humano e o seu equilíbrio mental. (FRANZINI, 1993, p.1)

É sabido que as grandes mídias de comunicação, são mantidas financeiramente, pelo marketing viabilizado por essas, sendo assim, estas são as grandes produtoras e idealizadoras de conteúdos que hoje são oferecidos. Se analisarmos sob a perspectiva do mimetismo, quem mais exibe "objetos" de desejos as crianças, são as mídias de comunicação em geral, principalmente as que são exibidas nas telas, na qual a criança está inserida demasiadamente, por horas consecutivas e ininterruptas. As telas, lhes oferecem conteúdos analiticamente e estrategicamente pensados. Tais modelos, muitas vezes, são mais influenciáveis que seu próprio convívio familiar ou escolar.

Aristóteles, em seu livro quatro, da Poética afirma que "O homem é diferente dos demais animais pela sua aptidão na imitação". Girard exemplifica isso em seu livro "Deus: uma invenção?"

O homem evolui num meio social que lhe impõe determinadas obrigações, as quais não estão presentes no plano animal, embora, hoje, falemos em "sociedades" para descrever os grupos animais. Eu analiso essas obrigações a partir da noção de "mimetismo", que os gregos chamavam de mímesis e que fazia Aristóteles dizer que o homem é o animal mais mimético de todos. Isso significa que, se os animais são miméticos, os homens são ainda mais. A imitação deve ser concebida não somente em relação aos modos de falar e de se comportar, mas em relação ao desejo. (Girard, 2011, p. 66)

Portanto, o fato de imitarmos condutas, e cobiçarmos objetos de interesses, é uma realidade concreta, entretanto, a grande questão é se as mídias de comunicação se demonstrariam "adequada" para apresentar esses modelos referenciais, no processo educativo das crianças. Logicamente sabemos que os meios de comunicação não são neutros, menos ainda descabidos de interesses, os modelos midiáticos entregam a aura sagrada aos produtos de consumo.

Logo, o desejo mimético de Girard fornece compreensão da irredutível influência digital, na qual todos se mostram rivais, respectivamente imitando e sendo imitados por outros. A exposição, em demasia, das crianças tende mais a definir seu comportamento pelo que assistem nas telas, do que ter como referencial os modelos de uma pessoa real e fisicamente presente em suas vidas. O desejo humano, hoje, tem como grande e maior mediador mimético as telas, que podem lhe deflagrar, desejando o objeto apresentado pelo mediador das telas, que lhes proporciona sempre, um querer ser, ou um possuir algo. A teoria mimética pode ser demonstrada em realidades bem concretas, em ações do nosso dia a dia, através de circunstâncias habituais que geram conflitos e rivalidades. Ao imitar uma figura midiática, imitarmos um amigo ou cobiçarmos determinado objeto alheio, se torna o impulso do desejo mimético mediado pelo desejo alheio.

4 CONCLUSÃO

Além de se tornar o grande meio de fornecimento de conteúdos e de modelos para as crianças, o excesso de exposição as telas, ocasiona uma estimulação em demasia do sistema límbico do cérebro que é a unidade responsável pelas emoções e comportamentos sociais, e isso pode refletir drasticamente dentro do processo educativo.

A impaciência das crianças no processo educativo e o cansaço nos relacionamentos

DOI: 10.51189/cinped/13689

interpessoais, cria uma sociedade imediatista. Uma sociedade fragmentária onde a arte de educar muitas vezes é apresentada como algo trabalhoso, que demanda uma certa paciência por parte dos pais e educadores, criando uma sociedade onde a criança não é apta a assimilar o que faz parte da formação do sujeito. Tornando-as receptoras passivas de propaganda e informações cujas fontes não suspeitamos. Absorvem, anúncios e publicidades que lhe inclinam para os mais diversos apetites, transmitindo epístolas vazias de conteúdo intelectual e moral, e apresentando-as como dogmas de uma moda vigente, a ser imitado inconsequentemente.

Conclui-se, portanto, a real influência dos meios de comunicação no processo formativo e desejoso das crianças, e a falta de reflexão e preocupação com os modelos de mediação de desejo, bem como a realidade do desejo intersubjetivo mimético apresentados nas telas. Desta forma, as mídias digitais se fazem, cada vez mais, o cerne do mimetismo social.

REFERÊNCIAS

FRANZINI, Rogerio Cristiano. TV Uma Escola, mas de quê?. São Paulo: Artpress Indústria Gráfica E Editora, 1993.

GIRARD, René; GOUNELLE, André; HOUZIAUX, Alain. Deus: uma invenção?. Título original: Dieu, une invention?. Tradução: LAMELO, Margarita Maria Garcia. São Paulo: É Realizações, 2011.

_____. Eu via satanás cair do céu como um raio. Título original: Je Vois Satan Tomber Comme L Eclair. Tradução: GAMBINI, Martha. São Paulo: Paz e Terra, 2012.

FELIPE, Rondinele Laurindo. A relação entre a violência e o sagrado: Desejo mimético e mito em René Girard. RHEMA: Revista dos cursos de Filosofia e Teologia, Seminário Arquidiocesano Santo Antônio, Juiz de Fora, v. 16, n. 51, p. 45-59, 2018. Disponível em: https://seer.uniacademia.edu.br/index.php/RHEMA/article/view/1485/pdf. Acesso em: 17 nov. 2022.

JUNGS, Márcia. René Girard e o desenho mimético: as raízes da violência humana. Revista IHU on-line. Disponível em: http://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/4238-joao-cezar-de-castro-rocha-2. Acesso em: 17 nov. 2022.

NUNES, Benedito (sob o pseudônimo de João Afonso). Dez poetas paraenses. Belém: Suplemento Literário da Folha do Norte n. 164, de 31/12/1950.

PINHEIRO, Laise Helena Barbosa Araújo Sales; Costa Lima Filho, Luiz de. França. (orientador). Desejo, violência e cristianismo: gênese de uma história apocalíptica em René Girard. Departamento de História, Pontifícia Universidade. Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, v. 2, n. 756, 2016.

ROSA, António Machuco. Desejo mimético e imitação nas redes sociais digitais: FLUP e-DITA: As Letras entre a tradição e a inovação: comemorações do Centenário da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, p. 131-155, 2020. Disponível em: https://hdl.handle.net/10216/131776. Acesso em: 17 nov. 2022.